

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LINGUÍSTICA

GABRIELLA CAMPOS FERREIRA

A REINVENÇÃO DO JORNALISMO LITERÁRIO NO FORMATO PODCAST: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA FOUCAULTIANA DE “PRAIA DOS OSSOS”.

SÃO CARLOS
2023

GABRIELLA CAMPOS FERREIRA

**A REINVENÇÃO DO JORNALISMO LITERÁRIO NO FORMATO PODCAST:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA FOUCAULTIANA DE PRAIA DOS OSSOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Letras na
Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para
conclusão do curso de Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho

SÃO CARLOS

2023

Dedico esse trabalho a Ângela Diniz, Marielle Franco, Elza Soares e a todas as mulheres do fim do mundo.

“Mulher do fim do mundo

Eu sou, eu vou até o fim cantar

Cantar

Eu quero cantar

Até o fim, me deixem cantar até o fim

Até o fim, eu vou cantar

Eu vou cantar até o fim.”

AGRADECIMENTOS

São muitas pessoas e coisas que me fizeram chegar até aqui. Quero começar agradecendo a minha família, principalmente aos meus avós, Nadir e Aniceto Cláudio, que sempre me incentivaram a estudar, me criaram e estiveram presentes em vários momentos importantes da minha vida. Muito obrigada por tudo, eu amo vocês.

Como estudante de escola pública a vida toda, senti na pele a importância de ter uma educação pública de qualidade. Quero agradecer a educação pública, a política de cotas e aos professores que tanto me incentivaram e se dedicaram por uma das profissões mais nobres. Por muito tempo duvidei do meu potencial de entrar em uma universidade pública, agradeço a eles, professores do fundamental, médio, cursinho popular e universidade, e ao sistema público de ensino por toda a minha trajetória acadêmica.

Da mesma forma, gostaria de agradecer ao meu orientador Pedro Henrique Varoni de Carvalho, por ter me guiado nessa trajetória. Obrigada por ter organizado minhas ideias e contribuído com tantas outras e principalmente por ter me apresentado ao *Praia dos Ossos*, tema que me encantei desde o primeiro minuto. Esse tema se tornou muito importante para mim, principalmente ao me remeter a temas que estudo desde quando comecei a ter contato com o feminismo quando adolescente e pude resgatar isso agora.

Além disso, gostaria de agradecer aos meus amigos, os linguistas que estiveram comigo desde o início da graduação e aos que se aproximaram após o retorno das aulas presenciais, obrigada por todos os trabalhos, caronas, conversas e risadas, a faculdade ficou muito melhor com vocês por perto. As mulheres da minha república, com quem tive o imenso prazer de compartilhar a casa e a vida desde 2019, obrigada por todos os momentos, piadas internas e histórias. Mesmo com uma pandemia no meio da graduação, viver com vocês foi a melhor decisão que eu poderia ter tomado e, com toda certeza, mudou muita coisa na minha vida. Obrigada por terem me acolhido e serem a minha segunda família. Por fim, gostaria de agradecer também aos meus amigos de Campinas, que me acompanham desde os tempos de escola – e aos que vieram depois também. Mesmo nos encontrando com menos frequência do que gostaríamos, vocês continuam sendo imensamente importantes pra mim. Obrigada por todo apoio e amizade.

E obrigada UFSCar, sem você, não teria realizado os maiores sonhos da minha vida. Serei eternamente grata.

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar o podcast *Praia dos Ossos*, que reconstitui a história de Ângela Diniz, uma mulher da alta sociedade mineira, assassinada por Doca Street em 1976 na Praia dos Ossos em Búzios. O objetivo dessa pesquisa é analisar, por meio da perspectiva discursiva proposta por Michel Foucault (2004) – usando, mais especificamente, os conceitos de enunciado, arquivo e formação discursiva – como o podcast conferiu uma dimensão discursiva à produção jornalística. Por meio da análise dos enunciados "legítima defesa da honra" (primeiro julgamento) e "quem ama não mata" (segundo julgamento), a pesquisa apresenta a transformação dos discursos ao contextualizar e aprofundar os acontecimentos. A pesquisa destaca ainda a reinvenção do gênero do jornalismo literário no formato de podcast, expondo aspectos machistas e as relações de poder presentes na sociedade. O podcast surge como uma ferramenta poderosa para trazer à tona memórias e reflexões sobre o papel da mídia e do discurso na construção social de narrativas históricas.

Palavras-chave: *Praia dos Ossos*, podcast, jornalismo literário, formação discursiva, arquivo,

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Apresentação do podcast <i>Praia dos Ossos</i> e a questão da pesquisa: os enunciados "Legítima Defesa da Honra" e "Quem Ama Não Mata".	10
3. O desenvolvimento histórico do Podcast e sua relação com a oralidade: <i>Praia dos Ossos</i> em relação ao jornalismo literário.	23
4. Análise dos Enunciados "Quem Ama Não Mata" e "Legítima Defesa da Honra" à luz dos conceitos de formação discursiva e arquivo, em Foucault.	33
5. Conclusão.	39
6. Referências.	41

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho é o podcast *Praia dos Ossos*, uma produção jornalística que reconstitui o contexto do feminicídio de Ângela Diniz, socialite mineira, ocorrido na década de 1970. Procuramos fazer uma reflexão que considere a especificidade desse tipo de produção como jornalismo literário e buscando apontar de que forma aspectos do machismo da sociedade da época direcionaram o julgamento do réu confesso, Doca Street, absolvido, em uma primeira vez e condenado, em outro momento, a partir das reações de resistência, sobretudo das mulheres. As questões debatidas no podcast se concentram em dois enunciados que analisamos, a partir da referência teórica dos estudos discursivos foucaultianos.

Assim, esse trabalho tem como objetivo analisar os enunciados "Legítima Defesa da Honra" e "Quem Ama Não Mata", explorando seus recursos narrativos e como esses enunciados surgem no podcast *Praia dos Ossos*. A análise desses enunciados será embasada nos estudos discursivos de Michel Foucault (2004), especificamente nos conceitos de enunciado, formação discursiva e arquivo.

Para Michel Foucault (2004), o conceito de enunciado é uma espécie de átomo do discurso: ligado a um referencial, produzido por um sujeito, emerge em campo associado com outros enunciados. A análise discursiva parte, portanto, do signo linguístico para buscar as relações de saber e poder nele presentes. A circulação, em um primeiro momento, de "Legítima Defesa da Honra" legítima, como veremos, a decisão do júri em absolver o réu. Da mesma forma, "Quem ama não mata", representa as relações de resistência que estão por trás de um segundo julgamento em que há a condenação. A construção narrativa do podcast, valorizando a relação entre os enunciados linguísticos e as formas de funcionamento da sociedade, se dá a partir de um certo aprofundamento no tratamento da questão, oriundo de sua inscrição como gênero de jornalismo literário.

A formação discursiva, segundo Foucault (2004), representa um conjunto de regras e práticas sociais que determinam a expressão dos enunciados em um contexto histórico e social. Ela influencia e controla a maneira como as pessoas falam e compreendem o mundo, sendo permeada por relações de poder que determinam quais vozes são silenciadas.

Por sua vez, o conceito de arquivo, também delineado por Foucault, vai além do armazenamento de documentos, sendo um sistema de práticas que organiza e controla o

conhecimento em uma sociedade. O arquivo reflete e perpetua relações de poder, influenciando na seleção e preservação de informações consideradas relevantes.

Através da base teórica de formação discursiva e arquivo, é possível observar como a construção do conhecimento histórico é repleta de escolhas narrativas, conexões influenciadas por diferentes discursos e práticas sociais presentes naquele período. O podcast *Praia dos Ossos* é mais que um resgate histórico, se apresenta como agente de produção discursiva que questiona aspectos entrelaçados à sociedade brasileira.

A pesquisa também explora a relação entre os enunciados e os problemas da violência de gênero, analisando as condições históricas, sociais e culturais que propiciaram sua circulação e proeminência. Além disso, a pesquisa aborda o desenvolvimento do podcast, destacando sua relação com a oralidade, storytelling e jornalismo literário, elementos que enriquecem a narrativa e a conexão com o público.

Portanto, o podcast *Praia dos Ossos* é analisado em um espaço de discussões reflexivas, proporcionando uma visão abrangente e crítica sobre temas como violência, gênero, poder e as tramas das narrativas midiáticas.

Em síntese, o trabalho procura explorar cuidadosamente o podcast *Praia dos Ossos*, analisando seus recursos narrativos e a forma como aborda as variações discursivas. Os enunciados "Legítima Defesa da Honra" e "Quem Ama Não Mata" são desvendados à luz dos estudos discursivos de Michel Foucault, especialmente em relação às formações discursivas e ao arquivo. Uma análise desses enunciados considera a perspectiva histórica dos anos 1970, levando em conta normas sociais, concepções da época e contextos discursivos marcados por relações de poder em relação à violência de gênero.

O trabalho é dividido em três capítulos. No primeiro, apresentamos, de maneira descritiva, o podcast *Praia dos Ossos* e o contexto de emergência dos dois enunciados objeto de análise: “a legítima defesa da honra” e “quem ama não mata”. No segundo capítulo, nosso objetivo é contextualizar a produção objeto de análise no formato de podcast, seu desenvolvimento, como manifestação de linguagem oral, e a reinvenção do jornalismo literário-gênero originalmente desenvolvido na imprensa escrita, para o formato de podcast. A partir dessa contextualização desenvolvemos, no terceiro capítulo, a análise dos enunciados “legítima defesa da honra” e “quem ama não mata” a partir do referencial teórico-metodológico foucaultiano.

1. Apresentação do podcast *Praia dos Ossos* e à questão da pesquisa: os anunciados "Legítima Defesa da Honra" e "Quem Ama Não Mata"

No dia 30 de dezembro de 1976, Ângela Diniz foi assassinada com quatro tiros numa casa na Praia dos Ossos, em Búzios, pelo então namorado Doca Street, réu confesso. Mas, nos três anos que se passaram entre o crime e o julgamento, algo estranho aconteceu. Doca tornou-se a vítima.

Esse é o trecho de apresentação do podcast *Praia dos Ossos*, tanto no site do podcast quanto no spotify¹. A apresentação e idealização é de Branca Vianna, a pesquisa e coordenação de produção cabe à Flora Thomson-DeVeaux, as duas principais figuras na produção do podcast além de uma extensa lista de membros da equipe².

Praia dos Ossos reconstitui a história de Ângela Diniz, uma moça da alta sociedade mineira, que se envolveu com Doca Street, herdeiro de uma rica família paulistana. Até chegar ao assassinato de Ângela em 30 de dezembro de 1976, os julgamentos de Doca, os grandes advogados da época que trabalharam no caso, a cobertura da mídia e o impacto que o crime teve na sociedade.

O podcast foi produzido pela Rádio Novelo, fundada em 2019 no Rio de Janeiro, é reconhecida como principal produtora de podcasts de cunho jornalístico no Brasil. Ao longo de sua trajetória, a empresa se consolidou como referência no mercado, sendo responsável pela criação de mais de 20 produções, tanto de podcasts próprios quanto para clientes (entre eles Revista Piauí, GloboPlay, Spotify, Deezer e Amazon Music).

Um marco importante ocorreu em 2020, quando a Rádio Novelo lançou sua primeira série original, intitulada *Praia dos Ossos*. Essa produção se destacou por sua abordagem narrativa e alcançou a marca de mais de 3 milhões de downloads em apenas dois anos. Em 2022, a produtora lançou outros três projetos originais de destaque: "Crime e Castigo", uma análise sobre o conceito de justiça no Brasil; "Tempo Quente", que investiga os beneficiários da crise climática; e "Rádio Novelo Apresenta", o primeiro podcast narrativo semanal da empresa. Além disso, em 2022, a Rádio Novelo produziu o "Projeto Querino", uma iniciativa que oferece uma perspectiva afrocentrada sobre a história do Brasil.

1 site do Praia dos Ossos: <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>

spotify: <https://open.spotify.com/show/2Kki0lWqyMWegWAF2mZOg?si=3146339ba093460f>

2 <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>

A influência da Rádio Novelo é marcada pela excelência técnica e narrativa de suas produções. A empresa conta com uma extensa rede de colaboradores e estúdios apoiados por todo o Brasil. Além disso, a Rádio Novelo valoriza a inclusão e a liderança feminina, buscando construir uma equipe diversa em termos de raça e gênero.

Branca Vianna é presidente da Rádio Novelo, além de ser responsável pela apresentação e idealização do *Praia dos Ossos*. No episódio 8, intitulado *Rua Ângela Diniz*, é possível saber mais sobre a relação pessoal e profunda da apresentadora com a história de Ângela Diniz. Após o primeiro julgamento de Doca Street, Branca Moreira Alves, mãe de Vianna, assinou um manifesto denunciando o machismo na sociedade brasileira, e os nomes de Branca e sua irmã foram encontrados nesse manifesto, embora elas não se lembrassem de terem participado. Alves conta que, naquela época, as filhas não participavam ativamente das reuniões feministas e Branca Vianna explicou que sua mãe era uma militante feminista desde antes da morte de Ângela Diniz. Naquele período, Alves estava envolvida com outras feministas notáveis da época, como Hildete Pereira de Melo e Jacqueline Pitanguy.

No entanto, Branca Vianna não se considerava uma militante desde a infância, mesmo que luta pelos direitos das mulheres era parte fundamental da criação delas, a militância feminista não foi imposta a ela e à sua irmã quando crianças. Em vez disso, sua militância se manifesta por meio de contar histórias, o que a levou a criar o podcast *Maria Vai Com As Outras* em 2018, onde ouvia mulheres sobre suas histórias de vida e trabalho. Sua motivação para criar o podcast *Praia dos Ossos* reside na história de Ângela Diniz, que desejava contar não apenas como um símbolo importante da luta feminista, mas também como uma narrativa complexa que merecia ser explorada. Através do podcast, Branca Vianna buscou entender e compartilhar o legado de Ângela Diniz e, ao mesmo tempo, continuar sua tradição familiar de envolvimento com questões feministas e de gênero. Assim, a relação pessoal de Branca Vianna com a história de Ângela Diniz não apenas moldou sua abordagem ao podcast *Praia dos Ossos*, mas também demonstrou como as lutas feministas podem atravessar gerações, influenciando diferentes formas de ativismo e engajamento com as questões de gênero.

O podcast *Praia dos Ossos*, que estreou dia 12 de setembro de 2020, tem como objetivo levantar a discussão sobre a violência de gênero contra as mulheres. Com o crescimento dos podcasts durante a pandemia da COVID-19, o *Praia dos Ossos* ainda apresenta um formato novo para esse tipo de produção, o storytelling ou podcast narrativo (DE OLIVEIRA; KNEIPP, 2020).

Seu formato consistiu na publicação semanal dos episódios, os oito episódios eram publicados aos sábados em diversas plataformas de streamings. Além disso, o podcast

desenvolveu estratégias de divulgação e complementação das informações por meio do site oficial como uma forma paralela de consumir o conteúdo da história e ter recursos visuais para os ouvintes do podcast, estratégias que complementam a narrativa principal da história em áudio.

O podcast *Praia dos Ossos*, produzido pela Rádio Novelo do Brasil, tem como tema principal o assassinato da socialite brasileira Angela Diniz, ocorrido na década de 1970. A produção do podcast se baseia em uma extensa pesquisa jornalística e inclui áudios da época, como o julgamento de Doca Street, gravações de Angela e entrevistas com pessoas envolvidas no caso, como testemunhas, advogados, promotores e jornalistas que acompanharam o julgamento do acusado, Doca Street, namorado de Angela na época.

Além de reconstituir o assassinato e o julgamento de Doca Street, o podcast apresenta reflexões sobre questões de gênero, violência contra a mulher e justiça no Brasil, mostrando como o caso de Angela Diniz se tornou um marco na luta feminista no país. Com sua abordagem investigativa e narrativa emocionalmente envolvente, o podcast *Praia dos Ossos* foi indicado a diversos prêmios nacionais e internacionais e atraiu uma audiência significativa em todo o mundo.

Entre suas principais características estão a utilização de técnicas narrativas para criar um envolvimento emocional do ouvinte com a história de Angela Diniz, seus relacionamentos e sua luta pela justiça. O podcast também traz reflexões importantes sobre questões sociais, como a violência contra a mulher, a desigualdade de gênero e a justiça no Brasil. Além disso, apresenta vários pontos de vista sobre o caso, incluindo depoimentos de testemunhas, promotores, advogados e jornalistas que acompanharam o julgamento.

Neste trabalho pretendemos analisar o podcast *Praia dos Ossos*, seus recursos narrativos por um ponto de vista discursivo. A forma como há um aprofundamento do acontecimento, reconstituindo a trajetória de Angela Diniz, entrelaçando-a com o contexto histórico e social do período, confere a abordagem uma dimensão discursiva na própria produção do podcast.

Dois enunciados se destacam na abordagem do podcast e sintetizam diferentes formações discursivas (Foucault, 2004) que estão em disputas. No primeiro julgamento, "legítima defesa da honra", justificou a absolvição de Doca Street e o segundo "Quem ama não mata", presente no segundo momento em que ele, enfim, foi condenado. A análise desses enunciados terá como base os estudos discursivos de Michel Foucault, mais especificamente os conceitos de enunciado, formação discursiva e arquivo (2004). Para Foucault (2004) o enunciado se difere de um sentido estritamente linguístico, na medida em que emerge num domínio associado com outros enunciados, é produzido por um sujeito do discurso (que não se

confunde com o indivíduo, na medida em que é uma posição-sujeito). O enunciado, portanto, não existe nem do mesmo modo que a língua (apesar de ser composto de signos que só são definíveis, em sua individualidade, no interior de um sistema linguístico natural ou artificial), nem do mesmo modo que objetos qualquer apresentados à percepção (se bem que seja sempre dotado de certa materialidade, e que se possa situá-lo segundo coordenadas espaço-temporais).” (Foucault, 2004, p.97)

Será realizada uma análise desses enunciados levando em consideração a perspectiva histórica dos anos 1970, considerando as normas sociais e concepções da época, bem como os contextos discursivos e as relações de poder presentes nos discursos sobre a questão feminina. Além disso, serão exploradas as condições históricas, sociais e culturais que possibilitaram a circulação e o destaque desses enunciados. Os enunciados se agrupam na formação discursiva (Foucault, 2004), espaços instáveis e heterogêneos em que o sujeito do discurso se ancora para enunciar.

Segundo Michel Foucault (2004), a formação discursiva, doravante FD, é um conceito fundamental presente em sua teoria do discurso e poder. Para Foucault, o discurso não é apenas uma expressão individual da linguagem ou pensamento, mas é um conjunto de práticas e regras sociais que moldam a maneira de falar, pensar e de compreender o mundo. Sendo assim, uma formação discursiva é um conjunto específico de regras, convenções e práticas sociais que determinam quais enunciados são considerados legítimos dentro de um determinado domínio social e momento histórico. A FD estabelece limites do que pode ser dito e como pode ser dito, assim como as relações de poder que estão envolvidas nesse processo.

Cada FD tem suas próprias regras de exclusão e inclusão, que definem quais sujeitos têm autoridade para falar e quais vozes são silenciadas. As formações discursivas são permeadas por relações de poder, uma vez que elas determinam o que é aceitável dentro de um determinado contexto social e exercem controle sobre os indivíduos, suas identidades e práticas.

Foucault ainda argumenta que as formações discursivas não são estáticas, mas sim históricas e mutáveis. Elas surgem em momentos específicos, em respostas a certas condições sociais e políticas, podendo evoluir ou desaparecer ao longo do tempo. A análise das formações discursivas permite compreender as relações de poder e conhecimento que estão presentes em uma determinada sociedade em dado período histórico.

Ainda segundo Foucault (2004), o conceito de arquivo vai além do sentido tradicionalmente conhecido de um lugar físico onde são armazenados documentos. Para Foucault, arquivo é um conceito de poder que organiza, classifica e controla o conhecimento e informação em uma sociedade. O filósofo ainda argumenta que esse conceito diz respeito a um

sistema de práticas e instituições que determinam o que é considerado como conhecimento legítimo e autorizado dentro de determinada época e contexto social. O arquivo não é neutro, ele é uma construção social que reflete e perpetua relações de poder.

Esse conceito desempenha um papel importante na produção e no controle dos discursos e conhecimentos. Ele estabelece quais informações são consideradas importantes, dignas de serem preservadas e quais serão excluídas ou marginalizadas. Além disso, o arquivo influencia na forma como o passado é interpretado e molda a maneira de pensar sobre o presente.

No livro Arqueologia do Saber, Foucault (2004) fala sobre o conceito que dá nome ao livro, estudo que se refere às práticas de arquivo e das condições históricas que tornam possível a produção de conhecimento em determinada época. É por meio da análise arqueológica que se torna possível compreender como o arquivo funciona como um sistema de poder, controlando e limitando o que é dito e considerado relevante em uma sociedade. Para Foucault, arquivo é um conceito de poder que organiza o conhecimento, influencia o discurso e molda a compreensão do passado e do presente.

O estudo também abordará o desenvolvimento da produção do podcast e sua relação intrínseca com a oralidade, analisando como o uso da linguagem oral, do storytelling e do jornalismo literário, contribuíram para a construção da narrativa e a aproximação com o público. Serão analisados ainda como são as estratégias do jornalismo literário e seu impacto na abordagem do caso. Toda essa análise será feita com o objetivo de compreender seu lugar no contexto discursivo e contribuir para discussões sobre violência, gênero, poder e narrativas midiáticas.

TABELA COM O RESUMO DOS EPISÓDIOS E INFORMAÇÕES TÉCNICAS:

12 SET 2020 52 min	EPISÓDIO 1 O crime da Praia dos Ossos	Uma socialite, um playboy, uma praia paradisíaca, um assassinato, uma confissão. O feminicídio de Ângela Diniz seria um caso criminal simples. Seria.
19 SET 2020 64 min	EPISÓDIO 2 O julgamento	O processo de Doca Street vira um duelo de titãs e

		surge uma manobra inesperada.
26 SET 2020 61 min	EPISÓDIO 3 Ângela	Beleza, bailes e glamour: uma vida vivida nas colunas sociais.
03 OUT 2020 51 min	EPISÓDIO 4 Três crimes	Os encontros de Ângela Diniz com a Justiça.
10 OUT 2020 43 min	EPISÓDIO 5 A Pantera	Angela Diniz descobre a noite e a sociedade carioca dos anos 1970.
17 OUT 2020 57 min	EPISÓDIO 6 Doca	O casal se reencontra, e sai fãisca. Quando começa a dar errado?
24 OUT 2020 55 min	EPISÓDIO 7 Quem ama não mata	Um novo julgamento, um grupo de mulheres e um slogan.
31 OUT 2020 64 min	EPISÓDIO 8 Rua Ângela Diniz	De onde e para onde. A legítima defesa da honra e o feminicídio nos dias atuais.

Ao longo dos episódios, o ouvinte tem a oportunidade de conhecer mais profundamente a vida de Ângela, sua história pessoal para além das colunas sociais, suas motivações, desafios e relações. Conforme a trama se desenrola, novas fases de sua personalidade são reveladas, permitindo ao público compreender melhor as nuances e complexidades que a definem. Durante sua vida Diniz foi conhecida pelas alcunhas “moça da missa das 10h”, “a grega que parou o baile de carnaval”, “a noiva do ano” e por fim como a "Pantera de Minas". Ângela foi uma figura marcante na sociedade brasileira dos anos 1970, seu nome era recorrentemente lembrado pelas colunas de fofoca e tablóides da época por sua beleza e estilo de vida considerado extravagante. Ângela desde muito cedo frequentou as altas rodas da sociedade e era vista como uma figura influente no meio artístico e cultural. No entanto, em 1976, Ângela foi assassinada

pelo então namorado, o playboy Doca Street, em circunstâncias que chocaram o país e repercutiram amplamente na mídia nacional e internacional. O julgamento de Doca Street se tornou um dos casos mais emblemáticos da justiça brasileira, levantando discussões sobre desigualdades sociais, machismo e principalmente a violência contra as mulheres na sociedade da época e nos dias atuais.

No episódio 3, “Ângela”, do *Praia dos Ossos*, é possível saber mais sobre a vida de Ângela antes de se mudar para o Rio de Janeiro. Em 2019, Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux viajam para Minas Gerais para conversar com duas jornalistas, Anna Marina Siqueira e Isabela Teixeira da Costa, na redação do jornal Estado de Minas para saber mais sobre a vida da “(...) primeira filha de uma dona de casa e um dentista”.

Uma crônica escrita por Anna Marina Siqueira sintetiza bem o que é possível encontrar nos arquivos do jornal sobre Ângela:

“Era uma boneca loura, mimada, belamente vestida, toda engomada, em seus organdis pacientemente bordados pela mãe. Nesse clima ela cresceu – a menina mais bonita da cidade, a debutante mais bonita.” *PRAIA DOS OSSOS*, Episódio 3, 2020.

Além de outra crônica escrita por Roberto Drummond:

"A Ângela foi muito mimada, e foi filha única e neta única há bastante tempo. Aos 8 anos não sabia amarrar os sapatos. A mãe dela, a sra. Maria do Espírito Santo Diniz – ou uma babá – é que cuidava disso e de tudo da menina que todos olhavam e diziam: 'Vai ser uma mulher muito bonita, quando crescer.'" "A sra. Maria Diniz fez dela, desde cedo, uma elegante. Tão elegante que, numa época, a futura sra. Angela Villas Boas inventou uma canção e a cantava sempre, assim: 'Eu vou casar com o rei/ eu vou casar com o rei...'" *PRAIA DOS OSSOS*, Episódio 3, 2020.

Segundo as jornalistas, Siqueira e Costa, e também algumas amigas de Ângela, Jacqueline Pitanguy, Valéria Penna, Celina Albano e Norma Tamm contam que a educação de Ângela foi pautada nos pilares: família, ser uma boa esposa, boa mãe, importância da beleza e elegância. Sua mãe, Maria Diniz, também possuía um histórico nas colunas sociais de Minas Gerais, aparecendo esporadicamente em listas como uma das “dez mais elegantes de Minas”.

Segundo Branca Vianna, ouvindo as histórias havia uma certa dificuldade de separar o que Ângela queria do que sua mãe queria. Segundo as próprias amigas de Ângela, “A Ângela e a Maria Diniz agiam em dupla, e a realização da filha era a vitória da mãe.”. Nos anos 1970 esse era o caminho comum que as mães projetam para as filhas, o caminho de um bom casamento, segurança, boas condições financeiras.

Os bailes e festas eram rituais que faziam parte do cotidiano das jovens da alta sociedade. Antes mesmo de chegar a sua festa de 15 anos – um marco na vida das jovens da época – Ângela já tinha um candidato a marido. Milton Vilas Boas, um homem com pouco mais de 30 anos, engenheiro e filho de um ministro do Supremo, considerado por todos um “bom partido”. Porém, Ângela começou a se interessar por outro homem, Parker Gilbert, o interesse levou ao noivado que terminou em poucos meses. Segundo Penna e Tamm, o relacionamento terminou por influência de Maria Diniz, Ângela voltou para Milton e logo se casaram.

“Mas a maior dúvida era como um talento lapidado para a sedução ia responder à estabilidade morna da vida doméstica. O primeiro filho, o Miltoninho, nasceu sete meses depois do casamento.” (VIANNA, 2020). Em dado momento uma das entrevistas cita uma ida ao cinema para assistir o filme do James Bond e o deslumbre de Ângela com a atriz Ursula Andress, a primeira Bond Girl, esse trecho reforça a visão da distância entre o que Ângela desejava ser com a vida que ela estava levando naquele momento. “O casamento, a vida de dona de casa, e o sofá da sala tavam muito distantes da vida de sereia alaranjada que Ângela almejava. Até porque o Milton não era exatamente um cara do tipo Sean Connery.” (VIANNA, 2020).

A estratégia narrativa do podcast intercala a reconstituição dos acontecimentos da vida privada de Ângela Diniz ao contexto da sociedade brasileira e mineira do período. Quando a narrativa entra no tema separação, as entrevistadas, Albano, Penna e a historiadora Mary Del Priore contam como era tratado esse tema nos anos 1970. O adultério, discreto e consensual, era considerado uma solução para evitar o “pior”: a separação (a fim de preservar os bens da família). Porém para Ângela a separação, ou desquite – naquela época não havia divórcio como nos dias atuais, as pessoas eram desquitadas – não era um problema. E sobre a relação com a mãe, Albano afirma “eu acho que a Maria compreendeu que não tinha controle sobre a Ângela, entendeu? A partir do Milton, a Ângela voou por asas próprias. Eu acho que a Maria foi até o casamento do Milton. Depois ela não tinha mais esse controle.”

Em dado momento do episódio é mencionado um caso que teve um desfecho parecido com o de Ângela e que foi tratado seguindo o mesmo argumento da “Legítima defesa da honra”. Jô Souza Lima, outra personalidade da sociedade mineira, também se separou do então marido e logo assumiu publicamente um novo namoro, “uma coincidência macabra uniu Ângela e Jô”. Vianna relembra que no julgamento de Doca, seu advogado Evandro Lins e Silva comenta que Ângela assinou seu testamento muito jovem, mais especificamente no dia 9 de julho de 1971, com 26 anos, Ângela já desquitada assinou seu testamento, porém não se sabe o motivo dessa decisão tão jovem. No julgamento, Lins e Silva dá a entender que o motivo era porque Ângela

estaria “flertando com a morte”. Nessa mesma noite, Jô Souza Lima foi assassinada pelo ex-marido com dois tiros. O assassino, Roberto Lobato, foi a júri popular duas vezes seguidas, em 1972 e 1973. Ele argumentava que Jô havia humilhado a família, e ele fez isso para defender a honra dele e dos filhos. Em ambos julgamentos, ele foi absolvido.

Após a segunda absolvição do Lobato, Ângela foi procurada pela revista *Veja*:

“Atraída pelo acontecimento, a sucessora de Jô nas capas de revistas, a bela Ângela Diniz, ex-Villas Boas, limitou-se a comentar: abre aspas, “A Tradicional Família Mineira deixou para os jovens apenas uma indisfarçada hipocrisia”,

Veja, 18 de abril de 1973.

Anos após a separação, em uma entrevista Ângela afirmou que estava consciente da quebra de expectativa que havia causado naqueles que se encontravam na família tradicional mineira, “Meu ex-marido queria que eu vivesse como a Carolina do Chico: casta, pura, trancada em casa, vendo a vida passar. Ele, sim, não me perdoa, não admite que eu possa ser feliz com alguém, num típico problema de mineiro tradicionalista.” Foi depois do desquite que Angela ganhou a quarta e última alcunha, “A Pantera de Minas”. Sobre a alcunha, a amiga de Ângela, Valeria Penna, afirmou:

“Então tem muito mito em cima das coisas dela, tá. Eu acho que as pessoas tavam vendo os filmes da Brigitte Bardot e colocando isso na Ângela, não sei. Eu acho que tem uma: a Ângela virou a “Pantera de Minas”, eu acho que também tem um momento que você começava a virar a “Pantera de Minas”, você começa a representar o papel que colocaram nela. Também ela não tinha muito alternativa.” *PRAIA DOS OSSOS*, 2020.

A jornalista Anna Marina afirmou ver muito valor na posição destemida de Angela, que ia na contramão dos modelos tradicionais considerados regra daquela época.

No episódio 2, “O Julgamento” é possível saber mais sobre o processo do primeiro julgamento de Doca Street e o surgimento do argumento “Legítima Defesa da Honra” presente na história. Mesmo sendo réu confesso, Street foi a julgamento quase três anos após o crime, em 1979. O “Caso Doca Street”, como ficou conhecido na época, se tornou uma série em que o Brasil acompanhou cada episódio que envolvem sua fuga em prisão preventiva, o desaparecimento de Gabriele Dyer, as tentativas dos advogados de Street de tirá-lo da prisão, seu retorno para São Paulo e o julgamento. Esse episódio, além da presença de Carlos Lins e Silva, filho do advogado de Doca e que acompanhou o caso, também traz diversos trechos com as falas dos advogados e demais pessoas que estavam presentes no julgamento que foi todo

televisonado. O público esteve muito presente durante todo o desenrolar do caso e foi muito marcante. Ainda no início do episódio Vianna diz “O único ponto que eu quero destacar – e isso diz respeito a qualquer tribunal do júri, não só o do Doca Street – é que numa decisão por leigos, a construção da narrativa, a verve argumentativa, a retórica dos advogados, as técnicas de persuasão, tudo isso passa a ter um peso muito grande, talvez maior do que os fatos e as leis sendo considerados ali. No final, o que importa é convencer os jurados da história que você quer contar. O Doca seguiu à risca as instruções do advogado, interpretando seu papel na história que seria contada ali: passou as 21 horas do julgamento de cabeça baixa e com as mãos entrelaçadas – a própria encarnação do viúvo inconsolável.

O advogado escolhido por Street foi Evandro Lins e Silva, ele ganhou conhecimento público após a defesa de mais de mil presos políticos durante o período do Estado Novo. Posteriormente, foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal pelo presidente João Goulart, mas acabou sendo cassado pela ditadura militar em 1969. Após esse episódio, Evandro manteve-se afastado por um período, o que apenas intensificou a espera em torno do retorno dessa "figura lendária" aos tribunais. Durante o episódio há uma sobreposição de áudios do advogado durante o julgamento, especialmente nos momentos em que ele cria a narrativa de que Ângela Diniz, a vítima, foi a responsável por sua morte.

“E aqui a gente chega ao ponto central da defesa, a jogada de mestre que o Evandro vinha construindo: a ideia da legítima defesa da honra. O Doca teria matado pra proteger a própria honra, a própria imagem, ameaçada pelo comportamento da Ângela. Se você der uma googlada, você vai encontrar gente dizendo que o Evandro inventou essa tese da legítima defesa da honra. Mas a nossa pesquisadora, a Flora, foi atrás da história desse termo e descobriu que o buraco é bem mais embaixo. (...) "Achando o homem casado sua mulher em adultério, licitamente poderá matar assim a ela assim como o adúltero, salvo se o marido for peão e o adúltero fidalgo ou nosso desembargador, ou pessoa de maior qualidade."

VIANNA, 2020

Segundo Flora Thomson DeVeaux, o trecho encontrado por ela é das Ordenações Filipinas, lei que estava em vigor no período do Brasil colônia e foi válida durante mais de duzentos anos, até o primeiro Código penal imperial. “Mas os códigos do novo país não eram tão diferentes assim. Eles também tinham brechas para o que vieram a ser chamados de crimes passionais.” Vianna, 2020. Branca Vianna afirma que a concepção inicial era de absolver indivíduos que estavam em estado de surto psicótico no momento do crime. No entanto, os

advogados expandiram essa ideia de "privação" para aplicá-la aos clientes que assassinavam mulheres. Argumentos como “os sentidos completamente perturbados pela paixão” se tornaram comuns e essa justificativa se aplicava tanto a homens quanto a mulheres. No entanto, devido ao aumento significativo de homens matando mulheres ao longo dos anos 30, os promotores iniciaram uma campanha para modificar o artigo sobre a privação dos sentidos e acabar com a grande quantidade de assassinatos de esposas. Essa campanha obteve sucesso e, conseqüentemente, o Código Penal de 1940 estabeleceu que emoção e paixão não são motivos para absolvição de qualquer pessoa, mas podem resultar em redução da pena.

O argumento “Legítima Defesa da Honra” surgiu nesse contexto. Durante a Assembleia Constituinte de 1934, um deputado federal expressou sua posição contrária ao divórcio, alegando considerá-lo "inútil", "Quem se casa e é feliz, não o procura. Se o marido não procede corretamente, não há lei que o corrija. E, quando, por desgraça, o homem de brio se encontra em situação anormal, não espera a execução da lei, fazendo a legítima defesa da honra por conta própria." (*Praia dos Ossos*, 2020). Vianna relembra que no código penal brasileiro consiste apenas a legítima defesa, porém no caso de Angela que contava com a presença do júri popular e que não conhecia o código penal por completo poderia aceitar esse argumento. E assim foi construída toda a defesa de Doca Street por Evandro Lins e Silva, “Essa era a estratégia do Evandro. O comportamento da Ângela era uma ameaça pra honra do Doca. Lembra: ela teria dado em cima de uma mulher na frente de todo mundo, depois terminado com ele e ainda chamado ele de corno. A reputação dela de “pantera” era mais do que conhecida. E, por isso, a culpa não era dele de ter feito o que fez.” Vianna, 2020.

No episódio 7, “Quem Ama não Mata”, do *Praia dos Ossos*, é possível saber sobre o contexto da segunda sentença que será analisada, o slogan “Quem Ama não Mata”. Ao fim do primeiro julgamento, em 1979, a promotoria recorreu a sentença de Street pedindo anulamento do julgamento, por “excesso de legítima defesa” e em 1981 Doca foi levado a julgamento novamente pelo assassinato de Angela.

Naquela época o Brasil estava no início do processo de retorno à democracia. No episódio, Vianna relembra que a Lei da Anistia é de agosto de 1979, com ela muitos exilados retornaram ao país, especialmente da europa onde tiveram contato com o recém criado movimento feminista europeu. Celina Albano estava na europa nesse período estudando sobre grupos de mobilização de mulheres que sofriam violência doméstica, “Não, eu acho que a reação veio até pelo fato de não ter tido reação na época certa. Na época da morte, que foi '76. Eu me lembro, não teve nada, nada. O primeiro dele também, eu lembro que eu estava na

Inglaterra. Recebi as notícias, todas as minhas amigas mandavam escrito, e tal. Nada. Na segunda, aí já houve um movimento nosso, aqui...” Albano, 2020.

No ano seguinte do primeiro julgamento houveram dois casos semelhantes ao de Angela, Eloísa Ballesteros morava em Belo Horizonte com o marido e Maria Regina Santos Souza Rocha casada com Eduardo. Ambas foram vítimas de violência doméstica. Segundo Branca Vianna, “Isso foi no dia 27 de julho de 1980. A Eloísa tinha 32 anos. Na semana seguinte, uma matéria da revista Veja relembrou o caso da Ângela Diniz e o caso da Jô Lobato. A reportagem diz assim: “Foram todas mulheres de temperamento forte. Quando quiseram separar-se e escolher outros caminhos, foram fulminadas pelas balas que Minas ainda reserva às mulheres que violam seu código de honra conjugal.”. Esses casos, que aconteceram em um período em 15 dias, foi considerado o estopim que deu início a mobilização de mulheres que começou em Minas Gerais. Segundo Vianna, esse movimento em Minas Gerais foi fundamental para a mudança na atmosfera criada no processo do segundo julgamento e segundo ela, “os assassinatos da Eloísa e da Regina provocaram uma reação que o assassinato da Ângela, quatro anos antes, não provocou.”

“Eu, pra ser franca, eu senti até alívio quando eu vi as duas mulheres que a gente teria que defender, alívio no sentido jornalístico do ato que eu tava preparando. Não teria que dar uma volta a mais. Nós já tínhamos defendido Ângela Diniz, e a gente defenderia sempre, mas é como se tivesse que dar uma volta a mais, entendeu? Era mais difícil defendê-la publicamente, porque ela tinha um comportamento que não era considerado, principalmente em Belo Horizonte e em Minas Gerais, a pantera, a socialite, a mulher que talvez até tivesse tido um caso com outra mulher. Pra nós, isso não interessava em nada, mas estrategicamente isso era mais difícil pra nós. Então, em '80, essas duas mulheres, foi mais fácil, em certos termos, defender. Duas mulheres mortas por seus companheiros, seus maridos, porque queriam apenas se separar deles. Pronto. Não que a gente pensasse assim, evidentemente, isso tem que ficar muito claro, mas, assim, em termos estratégicos, eu acho que foi mais fácil essa defesa.”

Mirian Chrystus, Praia dos Ossos, 2020

Do ponto de vista jornalístico, Vianna afirma que esses casos por se encaixarem no que ela chama de “padrões de moralidade”, comoveram um público maior por sua narrativa por se tratarem de duas donas de casa que apenas buscavam se separar, diferente de Angela com sua vida exposta nas colunas sociais e a alcunha de “Pantera de Minas”. Após esses acontecimentos, a jornalista Mirian Chrystus conta que cerca de 400 pessoas se reuniram na escadaria da Igreja São José em Minas Gerais. Segundo Albano e Chrystus:

“Pela primeira vez a violência era o foco. Não era desigualdade, entendeu? Era a violência. Tanto é que a gente fez o slogan “quem ama não mata”. Olha, a história do slogan do movimento “Quem ama não mata” é uma história que eu considero muito bonita. Porque nós planejamos o ato de 18 de agosto de 1980, a própria mídia se encarregou de divulgá-lo antecipadamente, não é? E alguns dias antes da realização do ato apareceu pichado em um muro, num colégio tradicional de Belo Horizonte, um colégio de freiras, o Colégio Pio XII, a frase, uma frase rústica: “Se, se ama, não se mata.”.

Celina Albano e Mirian Chrystus, 2020.

“Esse slogan, “quem ama não mata”, ele é a expressão de um desejo, ele é a expressão de uma utopia, vai ser muito difícil você encontrar uma pessoa que seja contra esse slogan, “quem ama não mata”. Ele é verdadeiro? É até certo ponto, mas ele também é falso, porque quem ama mata, sim, quem ama mata. É mais fácil alguém que ama matar do que alguém que seja indiferente matar. Mas é uma palavra de ordem que eu fico pensando às vezes, sabe, quem foi a pessoa que pichou aquela palavra de ordem um dia num muro de Belo Horizonte? Quem pichou essas coisas, né? Eu sei que todo dia eu agradeço essa pessoa, porque ela nos deu uma palavra poderosa na luta contra o machismo patriarcal, contra a violência, contra o desrespeito, contra tudo...”

Mirian Chrystus, 2020.

No dia do segundo julgamento de Doca Street um grupo com cerca de 50 mulheres foi até Cabo Frio com faixas para fazer uma vigília durante todo o julgamento. O resultado desse julgamento foi a condenação de Raul Fernando do Amaral Street a 15 anos de reclusão pelo homicídio duplamente qualificado de Ângela Diniz e a condenação foi vista como uma vitória para o movimento feminista brasileiro. A mãe de Angela, Maria Diniz, escreveu uma carta para a imprensa:

“Jamais poderei dizer que estou feliz, pois a perda de um filho não permite que se desfrute mais dessa palavra maravilhosa. É um sentimento inexplicável, um vazio eterno, uma saudade que aumenta a cada dia. As calúnias e injúrias que o indivíduo que dizia amar Ângela jamais se apagarão de minha memória. Minha filha era uma mulher desquitada, portanto livre. Jamais, jamais uma libertina. Meu carinho a todos que contribuíram para elevar o nome de nossa Justiça, tão desacreditada. Os que têm padrinhos milionários também são condenados. Não só os pobres vão para a prisão. Maria Diniz.”

Um trecho encontrado no site do podcast *Praia dos Ossos* resume bem como foi a vida de Ângela Diniz, “Criada e educada na tradicional sociedade mineira, Ângela Diniz faz tudo o que é esperado dela: debuta, desfila e casa no “enlace mais focalizado de 1963”. Mas o que fazer com o resto da vida?”.

Em um contexto mais amplo do Brasil, o país estava sob uma ditadura militar que havia sido instaurada em 1964 e que durou até o ano de 1985. Durante os anos 70, o Brasil passou por uma série de mudanças sociais, econômicas e políticas que moldaram a sua história, houveram as presidências de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979). Essa década também foi marcada pela censura nos meios de comunicação, no ano de 1976 foi aprovada no congresso brasileiro e sancionada pelo então presidente a Lei Falcão que regulamenta propagandas eleitorais no rádio e na tv.

Durante esse período diversos movimentos, estudantis e sindicais, lutaram contra a ditadura militar desde seu início, tendo apoio de parte da sociedade civil e da imprensa, que protestavam pela volta da democracia e pela garantia de direitos civis. Várias manifestações e protestos ocorreram em todo o país, muitos deles liderados por estudantes e trabalhadores.

A sociedade brasileira nos anos 1970 sofreu com os reflexos da política e economia, sendo marcada por uma série de mudanças e desafios decorrentes das profundas desigualdades sociais. Em termos demográficos, o país passou por um intenso processo de urbanização, com milhões de pessoas deixando o campo em busca de oportunidades de trabalho e qualidade de vida nas cidades. Essa migração em massa contribuiu para o crescimento dos grandes centros urbanos, mas também gerou problemas como a falta de moradia, saneamento básico precário e aumento da violência. A maioria da população, especialmente nas áreas urbanas, vivia em condições precárias, baixa remuneração salarial, pouca ou nenhuma proteção social, além da falta de acesso à educação e à saúde. Foi dentro desse contexto de opressão e desigualdade social que surgiram diversos movimentos sociais e organizações que buscavam a melhoria das condições de vida da população. Grupos de sindicalistas, estudantes, feministas e movimentos populares ganharam força e protagonismo na luta pelos direitos civis, políticos e sociais.

Culturalmente, os anos 70 foram marcados pelo grande crescimento nos campos artísticos e culturais, como por exemplo, o surgimento de movimentos como a Tropicália e a contracultura, que questionavam as normas e valores estabelecidos, buscando valorizar a diversidade, a liberdade de expressão e a contestação do sistema. O engajamento social e político era muito presente na música, na arte e na literatura desse período, retratando as transformações e contradições da época. A música popular brasileira alcançou um grande

sucesso, com artistas como Chico Buarque, Maria Bethânia, Milton Nascimento, Novos Baianos, entre outros.

As mudanças na sociedade brasileira do período se refletem no acontecimento da morte de Ângela Diniz e no julgamento de Doca Street. As forças reacionárias que justificaram sua absolvição e a conseqüente reação contrária indicam as disputas em jogo, trabalhadas de forma aprofundada no material jornalístico.

2. O desenvolvimento histórico do Podcast e sua relação com a oralidade: “Praia dos Ossos” em relação ao jornalismo literário.

Desenvolvimento histórico do podcast.

Este capítulo busca apresentar o que é um podcast, suas características, funcionamento e seu crescimento acelerado nos últimos anos.

Com a revolução tecnológica de diversos aparelhos nos anos 2000, a popularização desses equipamentos e dos serviços que eles oferecem é possível encontrar o podcast como parte dessa revolução. Os podcasts, como forma de mídia, existem desde 2004, quando o primeiro conteúdo de áudio foi transferido via RSS³. Com o crescimento da Apple Inc. um de seus produtos foi um dos grandes responsáveis pela popularização dos podcasts, após o lançamento dos iPods e as melhorias constantes na plataforma do iTunes, como o aprimoramento de seu sistema operacional e a organização específica para podcasts dentro da plataforma.

Segundo a Podcast Stats Soundbite, o Brasil ocupa a posição de segundo maior mercado de podcasts no mundo, sendo superado apenas pelos Estados Unidos em termos de consumo desse formato de áudio. De acordo com dados fornecidos pelo serviço de streaming de áudio, o consumo mensal de podcasts tem apresentado um crescimento médio de 21% desde janeiro de 2018. A nível global, a audiência de podcasts aumentou aproximadamente 39%. Embora seja evidente o potencial deste formato no país, uma vez que aproximadamente 40% dos internautas brasileiros já ouviram pelo menos um podcast (IBOPE CONECTA, 2019), ainda estamos distantes do nível alcançado nos Estados Unidos, onde, 75% da população teve contato com essa mídia e mais de um terço consome programas regularmente. Porém, de acordo com a PodPesquisa 2018, conduzida pela Associação Brasileira de Podcasters em parceria com a

³ RSS é a abreviatura de Rich Site Summary ou Really Simple Syndication, uma maneira de um programa agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que a pessoa precise visitar o site.

Rádio CBN e que entrevistou 22 mil pessoas, foram identificados 1.278 títulos de podcasts. Em comparação, cinco anos antes, havia apenas 255 podcasts ativos (ABPOD, 2018). Além disso, a curva de crescimento de ouvintes nesse período também apresenta um comportamento semelhante (ABUD; ISHIKAWA; GONZAGA, 2019).

Os resultados da edição de 2019 da PodPesquisa, que entrevistou 16 mil pessoas de todos os estados brasileiros, com uma maior concentração no Sudeste (ABPOD, 2019), revelaram que o tema de Cultura Pop desperta mais interesse, sendo o preferido por 64% dos entrevistados. Em seguida, temos Humor (53%), Ciência (52,3%), História (47,6%), Política (42%), Jogos (35%) e Notícias (32%). Surpreendentemente, o interesse em notícias é menor quando comparado aos podcasts sobre jogos eletrônicos, apesar do podcast Café da Manhã, uma colaboração entre o jornal Folha de S. Paulo e o Spotify, esta entre os vinte podcasts mais mencionados na PodPesquisa 2019 (ABPOD, 2019) e ocupa o quarto lugar entre os mais ouvidos no Spotify no ano passado (RIBEIRO, 2019, s/p).

O surgimento do nome podcast, como é conhecido, se deu porque “a palavra podcast é uma junção de ‘Pod’, de ‘iPod’, cuja sigla significa Personal on Demand, ou ‘pessoal sob demanda’ e cast, que vem de broadcast, ou transmissão” (FALCÃO; TEMER, 2019, p.2). O termo "podcast" teria sido utilizado pela primeira vez pelo jornalista inglês Ben Hammersley em um artigo intitulado "Audible Revolution", publicado no jornal The Guardian em 12 de fevereiro de 2004. No entanto, sua popularização ocorreu apenas dez anos depois com o podcast Serial , produzido e apresentado pela jornalista Sarah Koenig nos Estados Unidos. Inicialmente, o podcast foi transmitido pela rádio pública de Chicago, WBEZ. No entanto, essa explosão de popularidade ficou restrita ao país.

Outro nome também conhecido é o podcasting:

O podcasting (nome que mistura iPod com broadcast, ou transmissão) funciona através de um sistema geralmente gratuito de assinaturas, no qual um software de rastreamento e atualização automática (que funciona através do sistema RSS – real simple syndication, já utilizado para arquivos de texto) garante que o usuário esteja sempre em dia com os novos lançamentos. (CASTRO, 2005, p. 6).

Segundo a Academia Brasileira de Letras, que tem a palavra *podcast* reconhecida, tem o seguinte significado:

Programa transmitido por meio de áudio, similar a um conteúdo radiofônico, apresentado em episódios que geralmente abordam temas específicos e

disponibilizado exclusivamente no formato digital, em aplicativos e sites que permitem que o usuário ouça os episódios a qualquer momento, ou os baixe em dispositivo eletrônico com acesso à internet. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

O podcast é uma forma de distribuição de áudio na internet, geralmente em série de episódios sobre um tópico ou segmento específico e os ouvintes têm a possibilidade de se inscrever para receber notificações sobre novos episódios automaticamente. Segundo Bárbara Mendes Falcão e Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (2019), o podcast é um formato de mídia sonora da qual a divulgação se dá por meio da internet. Os podcasts podem ser encontrados em temas variados como, notícias, humor, histórias, educação entre outros. Os ouvintes têm a possibilidade de ouvir os episódios em computadores ou dispositivos móveis, como smartphones ou tablets, usando aplicativos de reprodução de podcast ou diretamente por páginas da web.

A nova versão dos programas de rádio foi ganhando cada vez mais espaço dentro da comunicação e causando alterações em diversas esferas da sociedade. O conteúdo criado sob demanda seguindo os acontecimentos da semana e de forma assíncrona se caracteriza pela grande facilidade tanto na distribuição para o público dentro das diversas plataformas digitais, quanto na produção, indo de caseira até grandes estúdios especializados em podcasts. O conceito de "rádio expandido", amplia a percepção do rádio além das variáveis tradicionais, abrangendo também a televisão, a internet, os dispositivos móveis e as redes sociais. Dessa forma, compreende-se que o ouvinte radiofônico está imerso em múltiplos contextos (KISCHINHEVSKY, 2016). Segundo Gisela G.S. Castro (2005), o desenvolvimento do podcasting foi um marco importante na evolução da cibercultura, uma vez que permitiu a consolidação de formatos além do texto, como o áudio, imagens e vídeos. Segundo Ortriwano (1985, p. 79-81) “o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um ‘diálogo mental’ com o emissor”. No rádio, assim como nos podcasts, a capacidade de imaginação é estimulada por meio da carga emocional das palavras e dos recursos sonoros, permitindo que as mensagens adquirem nuances individuais, em consonância com as expectativas de cada ouvinte (ORTRIWANO, 1985, p.80).

Marcelo Kischinhevsky (2018) considera o podcasting e o podcast como formas de rádio, argumentando que eles não precisam ser necessariamente associados exclusivamente ao meio tradicional do rádio [...] porque o podcasting não envolveria transmissão em tempo real, nem em fluxo contínuo, aproximando-se, portanto, da fonografia ou mesmo configurando um

novo meio de comunicação, inserido numa lógica digital” (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 77). Segundo o autor, a internet serve como um suporte para as novas formas de radiojornalismo, segundo ele o podcast é “modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras” (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 77).

O trabalho com as plataformas de streaming foram sendo adaptados e evoluindo com o passar dos anos e com o boom dos podcasts para oferecer um serviço cada vez mais especializado e organizado. Em diversos tocadores de podcast já existe a aba específica para esse tipo de produção, organizado por gênero, além de indicações por algoritmo e anúncios de episódios novos. Essa especialização causada pela revolução tecnológica pode ser atribuída ao mundo constantemente conectado à internet, a evolução dos aparelhos e a busca por manter as pessoas conectadas e com acesso às informações a todo momento na palma da mão.

Jornalismo Literário

O jornalismo literário é um estilo de jornalismo que se concentra em contar histórias de uma maneira que se assemelha à ficção, mas é baseado em fatos e em pesquisas profundas. Ele envolve o uso de técnicas literárias, como diálogo, descrição detalhada e caracterização, entre outros, para tornar as histórias mais envolventes e impactantes para o público. Segundo Monica Martinez (2009, p.71), “o jornalismo literário é um gênero fronteiro, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito”.

Essa nova abordagem do jornalismo, chamada também de "Novo Jornalismo", começou a ganhar popularidade durante as décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos. Escritores influentes como Truman Capote, Norman Mailer e Tom Wolfe buscavam desenvolver uma forma de jornalismo capaz de rivalizar com a narrativa ficcional em termos de impacto e poder de contar histórias. Desde então, o jornalismo literário evoluiu em direções diferentes, incluindo a reportagem investigação, o perfil de personalidades e a cobertura de eventos históricos. No livro "Radical Chique e o Novo Jornalismo", Wolfe (2005) lista quatro recursos literários utilizados por esse movimento: construção cena a cena, diálogos, adoção de um ponto de vista em terceira pessoa e incorporação de detalhes simbólicos que o status de vida do indivíduo.

Embora o jornalismo literário possa ser extremamente cativante e emocionante, é crucial manter um alto nível de precisão e responsabilidade. Os jornalistas literários devem aderir aos mesmos princípios éticos e padrões de precisão aplicados aos jornalistas tradicionais, ao mesmo tempo em que se esforçam para construir uma narrativa envolvente e dinâmica.

Um dos pioneiros no estudo do gênero, Norman Sims sugere que as raízes do jornalismo literário remontam ao século 17, com o escritor londrino Daniel Defoe (1660-1731), famoso por sua obra "Robinson Crusoe". Em 1984, depois de entrevistar vários escritores, Norman Sims (2007) reuniu o que considera as seis características do jornalismo literário: o emprego de estruturas complexas no texto, imersão, voz autoral, precisão, criação de sentidos de uma história e responsabilidade ética, conforme descreve no livro *True stories: a century of literary journalism*. Posteriormente adicionou: estilo do autor e atenção às histórias rotineiras, em um livro escrito em co-autoria com Mark Kramer (1995).

Em “imersão” é possível entender como a imersão do jornalista na realidade que será contada, porém o jornalista deve deixar sua posição explícita como testemunha da realidade ao prezar pela ética. A abordagem de narrativas cotidianas não representa uma quebra dos paradigmas profissionais, uma vez que as histórias que envolvem o chamado "interesse humano" sempre foram consideradas como valores-notícias (WOLF, 2009). A voz autoral vai de encontro às técnicas de objetividade (SCHUDSON, 2010) tradicionalmente adotadas pelo jornalismo profissional desde o século XIX. Ao utilizar a narração em terceira pessoa, é possível dar voz à primeira pessoa, o que acaba estabelecendo uma maior conexão com o público.

O jornalismo literário mostra que o estilo rompe com os preceitos do jornalismo diário, ao se afastar o uso do lead e adotar estruturas mais complexas na prosa. Diversos autores consideram essa abordagem como uma forma jornalística narrativa, permitindo que a história seja apresentada por meio de cenas, assim como em um romance. A criação de sentido é alcançada por meio do uso de metáforas e símbolos, visando facilitar a conexão a ser criada com o leitor. Segundo Martinez (2009, p. 82), “a história precisa ter um fio condutor e ressoar na experiência pessoal do leitor, que tem de sentir a catarse de chegar a algum lugar depois de ter aceitado acompanhar o protagonista da história por várias cenas, ordenadas de forma a revelar gradativamente a situação.”. Existe uma preocupação em estabelecer uma conexão entre os episódios, semelhantes aos capítulos de um livro. Encontramos no formato narrativo do podcast *Praia dos Ossos* as características do jornalismo literário, demonstrando como o gênero inicialmente impresso se adequou ao formato do podcast, essa abordagem, além de ser uma autorreferência, permite que o podcast faça referência a edições anteriores do mesmo título. Essa atitude relaciona as entrevistas e os personagens como elementos de uma narrativa mais abrangente, a narrativa da empatia que é construída através do *Praia dos Ossos*.

No Brasil, um dos pioneiros no estudo desse gênero, Lima (2008) identificou dez características essenciais: exatidão e precisão, responsabilidade ética, envolvimento, humanização, capacidade de contar uma história, estilo próprio e voz autoral, criatividade,

compreensão, simbolismo e universalização temático. As três últimas características estão intrinsecamente interligadas: para alcançar a compreensão e a universalização temática, é necessário utilizar uma simbologia que aproxima o leitor da história, gerando assim empatia.

O papel essencial desempenhado pela locução e pela sonorização no contexto do jornalismo é reconhecido pelo profissional, uma vez que ele se aproxima mais da estrutura narrativa de um conto literário ou de uma peça radiofônica. Nesse sentido, o planejamento dos efeitos sonoros ocorre simultaneamente à construção da história, diferenciando-se da abordagem do radiojornalismo tradicional (MARTINEZ, 2012, p.115). E o jornalismo tradicional está presente nesta abordagem. A busca por proteção e fatos não é mais o bastante, o público deseja conhecer a pessoa por trás da notícia e observar suas ações aos acontecimentos. No entanto, esse tipo de jornalismo confessional requer uma autenticação mútua. Em uma cultura que valoriza a experiência real, a intimidade pessoal e a auto-revelação, os princípios profissionais do jornalismo parecem assegurar a manutenção (COWARD, 2013, p.88). Segundo Coward, “Essa preocupação com o ‘eu’ não é somente com nós mesmos. Também queremos testemunhar outras pessoas descobrindo quem são, como são e se podem mudar” (COWARD, 2013, p.88).

No caso do *Praia dos Ossos*, é contruída por meio da narrativa um universo sobre um assassinato e uma condenação, através da leitura dramática do texto, o narrador revela informações intrigantes gradualmente, permitindo aos ouvintes ouvir seus diálogos privados com os protagonistas da história, cujas vozes também são audíveis. (MCCRACKEN, 2017, p. 1).

Segundo McHugh (2016), o termo "podcasting" transcendeu sua definição original como um meio de distribuição de conteúdo em áudio. Agora, ele engloba tanto a produção de conteúdo específico para essa plataforma quanto o ato de consumir esse conteúdo. Embora os programas possam adotar diversos formatos, a autora afirma que, no campo dos podcasts narrativos, há um consenso de que o estilo americano, descrito pelos profissionais da área como "mais conversacional" e "focado nos apresentadores", tem exercido uma influência significativa em âmbito global. Essa influência tem contribuído para consolidar um gênero mais informal, centrado na conexão forte entre os apresentadores e os ouvintes.

Storytelling e o poder da narrativa.

Segundo Martinez (2009, p.72), há uma visão audaciosa de que a origem do jornalismo literário se estabelece antes mesmo da escrita. De acordo com a autora, assim como em toda narrativa envolvente, o jornalismo literário dedica uma atenção maior à utilização da oralidade,

ou seja, à maneira como as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e ações, revelando sua percepção e relação com o mundo. Martinez sustenta que, sob essa perspectiva, não seria exato afirmar que os primórdios do jornalismo literário remontam aos primórdios da civilização.

A narrativa é um tipo de escrita que tem como objetivo contar uma história, seja ela fictícia ou baseada em fatos reais. É um gênero muito presente na literatura, assim como em outras formas de arte, como cinema, teatro, televisão e podcast. Um texto narrativo geralmente apresenta uma série de eventos ou ações que ocorrem ao longo de um período de tempo, envolvendo personagens que estão vivenciando em suas ações e emoções. A narrativa pode ser contada de diferentes perspectivas, como a primeira ou terceira pessoa, dependendo do narrador.

Dentro da narrativa há três tipos de narração. O narrador onisciente/onipresente: narrado em terceira pessoa e que conhece profundamente os personagens, seus pensamentos, desejos etc. O narrador observador: também narrado em terceira pessoa, porém não conhece tanto seus personagens e se limita a apenas narrar as ações. Por fim, o narrador-personagem aparece em primeira pessoa, como um dos personagens ele conta sua história e passa ao leitor a sua visão dos acontecimentos. Ainda há alguns tipos de discurso dentro do gênero narrativo. O discurso direto é caracterizado pela reprodução exata de nossas palavras e das palavras de nosso interlocutor durante uma conversa. Para construir esse tipo de discurso, é comum utilizar verbos declarativos, tais como "dizer", "explicar", "afirmar", "acrescentar", "sugerir", "confirmar", entre outros.

Além disso, o gênero narrativo é caracterizado por uma ampla diversidade de subgêneros, cada um com suas próprias características em relação à extensão, estilo e temática. Os principais subgêneros incluem o romance, que apresenta uma narrativa complexa e extensa, envolvendo personagens e tramas intrincadas. Por outro lado, o conto é uma narrativa mais curta, com estrutura simples e focada em um único evento. A epopeia remonta à antiguidade clássica, caracterizando-se por uma narrativa grandiosa e heróica, centrada em um personagem mítico ou histórico. A novela está situada entre o romance e o conto, apresentando uma trama mais complexa do que o conto, mas menos extensa que o romance. Por fim, a fábula é um subgênero alegórico, protagonizado por animais que personificam valores ou virtudes humanas, com o propósito de transmitir uma mensagem moral.

Para construir uma narrativa coesa e interessante, é essencial a presença de elementos fundamentais. O enredo é a base da história, desencadeando ações e conflitos que conduzem a trama. Os personagens desempenham um papel fundamental na construção da narrativa, dando

vida e movimento à história, permitindo que o leitor se identifique e se envolva emocionalmente. Além disso, o tempo e o espaço em que a história se desenrola são importantes, pois influenciam o enredo e a dinâmica dos personagens.

O storytelling é mais uma forma de narrativa, além de ser um termo recente e no meio digital vem ganhando cada vez mais destaque por ser uma forma considerada mais atrativa de contar histórias. O gênero storytelling consiste nisso, em contar histórias de uma maneira cativante de forma oral, escrita e até mesmo visual. Essa técnica pode ser usada em diversos contextos, como na publicidade, no marketing, na política, no entretenimento entre outros.

O storytelling envolve a criação de personagens, cenários, eventos e conflitos que ajudam a construir uma narrativa cativante e emocionante para o público. Essa narrativa pode ser apresentada de diversas maneiras, como por meio de texto, áudio, vídeo, imagens, entre outros formatos. A técnica é baseada na ideia de que as pessoas tendem a se envolver e lembrar melhor de informações quando são inseridas em uma história envolvente e significativa. Por isso, o storytelling é considerado uma ferramenta poderosa para transmitir mensagens e conquistar a atenção do público. A habilidade de contar boas histórias e ter boa comunicação é considerado uma grande habilidade há séculos.

Muito conhecido entre roteiristas e escritores que utilizavam de técnicas para contar suas histórias, oferecendo mais do que uma narrativa comum, essa estratégia conta com o desenvolvimento dos personagens, cenários, conflitos, reviravoltas, o ensinamento e a jornada do herói construídos com a finalidade de se conectar com o leitor em diversos níveis. Storytelling é uma forma de criar uma narrativa envolvente, outra perspectiva. No contexto atual, a consolidação de podcasts no formato de storytelling, que se mostram ideais para "explorar nossas vidas por meio de sons e palavras faladas, sussurradas intimamente em nossos ouvidos". Lindgren (2016, p. 24) defende que a ênfase em narrativas pessoais em áudio é esperada em um meio que valoriza o som e a voz. A autora atribuiu a popularidade do formato narrativo nos podcasts ao envolvimento dos apresentadores, que adotou uma abordagem mais pessoal ao contar as histórias.

Com as mudanças na produção de conteúdo e o desenvolvimento das redes sociais, houveram mudanças significativas no modo como a comunicação é feita. Essas mudanças evidenciam a necessidade de um novo posicionamento na comunicação organizacional, para se aproximar do público, o storytelling tem sido apontado como um caminho a seguir, permitindo que seja estabelecida uma conexão por meio da identificação com as histórias que são contadas.

É possível traçar um paralelo entre a retórica clássica e o storytelling, é interessante fazer uma breve análise histórico-filosófica da retórica clássica. Segundo Perelman (2004, p.

177), a retórica clássica, entendida como a arte de falar de forma persuasiva, procurava estudar os meios discursivos de influenciar um público-alvo, com o objetivo de conquistar ou aumentar sua concordância em relação às teses sustentáveis.

Frequentemente, ao falar sobre a retórica, a argumentação e a dialogia, enfatiza-se a oralidade e negligencia-se os textos, que também podem ser considerados valiosos instrumentos persuasivos. Essa perspectiva é endossada por Reboul (2004, p. XIV), que acrescenta, no entanto, um novo elemento: o discurso. Retórica é a arte de persuadir por meio do discurso. Por discurso, entende-se qualquer produção verbal, escrita ou oral, definida por uma frase ou uma sequência de frases, que possui início, meio e fim, e apresenta certa supervisão de sentido. Os discursos retóricos têm como objetivo a persuasão, segundo Reboul (2004), a persuasão refere-se à capacidade de fazer com que o outro acredite em algo ou em alguma coisa. Se a retórica tem como principal alvo a persuasão, a consideração do público-alvo é fundamental, pois é ele quem irá fundamentar os argumentos apresentados.

Lourenço afirma que “A comparação entre os dois métodos de análise confirma o potencial argumentativo do storytelling e revela suas bases fundamentadas na retórica clássica, o que pode ser uma possível mutação desta arte, ou pelo menos sua customização, para aplicação na comunicação organizacional do século XXI.”

Reinvenção do jornalismo literário dentro do podcast.

A transformação que vem acontecendo dentro dos podcasts jornalísticos por conta do jornalismo literário tem sido considerada uma renovação interessante no campo do jornalismo, como apresentado por Vargas (2022) no trabalho sobre a estética narrativa do praia dos ossos e sua contribuição para a análise de podcasts. O jornalismo literário, como já foi dito, é um estilo que combina elementos de ficção e jornalismo, utilizando técnicas literárias para contar histórias inspiradas em fatos reais de forma envolvente e impactante.

O uso de técnicas como construção de cena a cena, diálogos, a incorporação de uma perspectiva em terceira pessoa, enredo, personagens, tempo, espaço e a forma como músicas e áudios são usados de forma que auxiliam na criação de uma narrativa que conecta o público com a história. No Praia dos Ossos é possível notar características importantes dentro do jornalismo literário, como exatidão e precisão, responsabilidade ética, envolvimento, humanização, capacidade de contar uma história, estilo próprio e voz. O podcasting transcende sua definição original como um meio de distribuição de conteúdo em áudio e tornou-se uma forma de produzir e consumir conteúdo narrativo. Os podcasts narrativos, em particular, têm

sido influenciados pelo estilo americano, que é mais conversacional e centrado nos apresentadores. Essa influência tem contribuído para consolidar um gênero mais informal e focado na conexão entre os apresentadores e os ouvintes.

O uso do storytelling e do poder da narrativa também desempenha um papel importante nessa reinvenção do jornalismo literário nos podcasts. A narrativa é uma forma poderosa de transmitir informações e envolver o público emocionalmente ao criar uma experiência imersiva e cativante para os ouvintes. Ao utilizar técnicas narrativas e contar histórias envolventes, os podcasts jornalísticos conseguem atrair a atenção dos ouvintes e transmitir informações de uma maneira mais impactante.

Outro aspecto importante da reinvenção do jornalismo literário nos podcasts é a atenção dada à locução e à sonorização. A maneira como o texto é narrado e os efeitos sonoros utilizados desempenham um papel importante na construção da atmosfera e no envolvimento do público. Essa abordagem mais próxima da estrutura narrativa de um conto literário ou de uma peça radiofônica diferencia os podcasts jornalísticos do formato tradicional do radiojornalismo.

3. Análise dos Enunciados "Quem Ama Não Mata" e "Legítima Defesa da Honra" à luz dos conceitos de formação discursiva e arquivo, em Foucault.

Este capítulo tem como objetivo analisar os enunciados "Quem Ama Não Mata" e "Legítima Defesa da Honra" presentes no podcast *Praia dos Ossos*. A análise desses enunciados será embasada nos estudos discursivos de Foucault (2004), destacando os conceitos de formação discursiva e arquivo.

Segundo Foucault (2004), formação discursiva é um conceito fundamental presente na teoria do discurso e do poder. Foucault entende que o discurso não é simplesmente uma expressão individual de pensamento ou linguagem, mas sim um conjunto de práticas e regras sociais que moldam a maneira de falar, pensar e compreender o mundo. Uma formação discursiva é um conjunto específico de regras, convenções, instituições e práticas sociais que determinam quais enunciados são considerados válidos, verdadeiros e legítimos dentro de um determinado domínio social em um determinado momento histórico. Ela estabelece os limites do que pode ser dito e como pode ser dito, bem como as relações de poder que estão envolvidas nesse processo. Cada formação discursiva tem suas próprias regras de exclusão e inclusão, que definem quais sujeitos têm autoridade para falar e quais vozes são marginalizadas ou silenciadas. As formações discursivas são permeadas por relações de poder, uma vez que

determinam o que é aceitável e legítimo dentro de um determinado contexto social, e exercem controle sobre os indivíduos, suas identidades e suas práticas. Foucault argumenta que as formações discursivas não são estáticas, mas sim históricas e mutáveis. Elas surgem em momentos específicos, em resposta a certas condições sociais e políticas, e podem evoluir ou desaparecer ao longo do tempo. A análise das formações discursivas permite compreender as relações de poder e conhecimento que estão presentes em uma determinada sociedade em um determinado período.

No contexto do podcast Praia dos Ossos, os enunciados "Quem Ama Não Mata" e "Legítima Defesa da Honra" estão inseridos em um discurso sobre violência doméstica e feminicídio. Esses enunciados refletem uma formação discursiva específica que busca justificar, explicar ou até mesmo suavizar a violência contra mulheres.

No episódio 2, intitulado "O Julgamento", é possível conhecer mais sobre o processo do primeiro julgamento de Doca Street e sua relação com o argumento da "Legítima Defesa da Honra". Mesmo sendo réu confesso, Street foi a julgamento quase três anos após o crime, em 1979. Popularmente conhecido como "Caso Doca Street", tornou-se um fenômeno que atraiu a atenção do Brasil, acompanhando cada episódio, desde sua fuga, prisão preventiva, até seu retorno a São Paulo e o julgamento, além da presença do público que foi marcante durante todo o desenrolar do caso.

O advogado escolhido por Street foi Evandro Lins e Silva, conhecido por sua defesa de presos políticos durante o Estado Novo. Após ter sido nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal por João Goulart, foi cassado durante a ditadura militar em 1969. O retorno de Lins e Silva aos tribunais após esse período de afastamento gerou grande expectativa. Durante o episódio, são apresentados trechos das falas do advogado durante o julgamento, nos quais ele cria a narrativa de que Ângela Diniz, a vítima, foi a responsável por sua própria morte. A estratégia de defesa de Evandro Lins e Silva baseou-se no argumento da "Legítima Defesa da Honra". Esse enunciado está associado à ideia de que um homem pode cometer um crime para proteger sua honra ameaçada. Lins e Silva argumentou que Doca cometeu o crime para proteger sua honra e imagem, ameaçadas pelo comportamento de Ângela. Esse argumento buscava atribuir a culpa à vítima, alegando que suas ações provocaram a reação de Doca. Durante o julgamento, Street encarnou a figura do viúvo inconsolável, permanecendo de cabeça baixa e com as mãos entrelaçadas, seguindo à risca as instruções do advogado.

A formação discursiva machista legitimou, no episódio, a circulação do enunciado "Legítima Defesa da Honra", reforçando a visão culturalmente construída de que a violência contra a mulher pode ser tolerada em certas circunstâncias, especialmente quando há uma

ameaça à honra masculina. Essa formação discursiva está enraizada em normas sociais e valores que moldam a compreensão e aceitam essa justificativa, além de reforçar estereótipos de gênero e valores tradicionais que perpetuam a ideia de que a violência masculina pode ser justificada. A análise do enunciado revela as complexas relações de poder envolvidas na justificação da violência masculina, esse estudo possibilita questionar as bases dessa formação discursiva e desenvolver uma compreensão crítica dos discursos que perpetuam a violência doméstica. Ao analisar o enunciado "Legítima Defesa da Honra", é fundamental compreender a dinâmica das relações de poder presentes dentro do machismo. Ele estabelece normas e convenções sociais que determinam quais enunciados são considerados legítimos em determinado contexto. Essas regras de exclusão e inclusão definem quais vozes são silenciadas e quais sujeitos têm autoridade para falar.

A análise crítica desse enunciado questiona as normas sociais e os valores subjacentes à formação discursiva da "Legítima Defesa da Honra". Esses valores correspondem a cultura patriarcal, refletindo a visão de dominância de sociedades patriarcais onde a honra masculina é considerada central, e a violência em sua defesa é, em alguns contextos, justificada ou minimizada. Masculinidade tóxica, reforçando a ideia de que a masculinidade está ligada à força, agressividade e controle, o que pode levar a comportamentos violentos em nome da honra. A mulher como propriedade, implicando na concepção arcaica de que as mulheres são propriedade dos homens, e qualquer desrespeito ou ameaça à "honra" do homem justifica uma reação violenta em relação à mulher. A cultura do silêncio, encorajando o silenciamento e a submissão das mulheres, pois a divulgação ou denúncia de violência pode ser considerada uma afronta à honra do homem e pode resultar em retaliação. Desigualdade de gênero, onde as mulheres frequentemente são subjugadas e desprovidas de direitos, e a violência doméstica é tolerada ou ignorada. Conservadorismo, por meio de crenças e práticas tradicionais que resistem a mudanças sociais e dificultam a promoção da igualdade de gênero e o combate à violência doméstica. Culpabilização da vítima, atribuindo a ela a responsabilidade pela provocação ou comportamento que justificaria a reação violenta do homem.

Ao desenvolver as relações de poder e conhecimento presentes nessa formação, é possível promover uma mudança de paradigma em relação à violência doméstica, feminicídio e machismo. Dessa forma, a análise do enunciado permite compreender como esse enunciado é construído e validado pela formação machista, questionando criticamente as normas sociais e valores que sustentam a justificação da violência masculina, o argumento "Legítima Defesa da Honra" remete a uma justificativa culturalmente construída para a violência masculina como forma de proteção dos valores e da honra masculina.

O segundo enunciado, “Quem ama não mata”, surgiu no contexto apresentado no episódio 7, intitulado "Quem Ama não Mata", do podcast *Praia dos Ossos*. Esse slogan tornou-se o foco de análise ao debater sobre as normas sociais e os valores subjacentes ao argumento da "Legítima Defesa da Honra". Esse contexto é marcado por eventos históricos e mobilizações sociais que se relacionam à violência doméstica e à luta feminista no Brasil, especialmente durante o início do processo de retorno à democracia no país.

No primeiro episódio, é mencionado que após o julgamento de Doca Street em 1979, a promotoria recorreu à sentença pedindo anulação do julgamento por "excesso de legítima defesa". Em 1981, Doca foi novamente levado a julgamento e nessa época, o Brasil vivenciava o processo de retorno à democracia, e a Lei da Anistia, promulgada em agosto de 1979, trouxe o retorno de exilados, muitos dos quais tiveram contato com o movimento feminista europeu. Celina Albano, que estave na Europa estudando sobre grupos de mulheres que sofriam violência doméstica, destacou que a reação ao assassinato de Ângela Diniz foi maior após a morte de outras duas mulheres que também foram vítimas de violência doméstica. Esses casos aconteceram em um curto período de 15 dias no ano seguinte ao primeiro julgamento de Street. A partir desses acontecimentos, houve a mobilização de mulheres em Minas Gerais, o que foi essencial para mudar a atmosfera em torno do segundo julgamento de Doca Street.

O slogan "Quem Ama Não Mata" revela também uma visão idealizada das relações amorosas, sugerindo que o verdadeiro amor não está associado à violência. Essa afirmação contribui para uma formação discursiva que molda a compreensão da violência doméstica, reforçando estereótipos e expectativas sobre o amor e a violência. Além disso, ele foi criado como uma palavra de ordem poderosa na luta contra o machismo patriarcal e a violência de gênero. O episódio do podcast lembra que cerca de 400 mulheres se reuniram em um ato público na escadaria da Igreja São José em Minas Gerais para lutar contra a violência doméstica e apoiar a defesa dos direitos das mulheres. O segundo julgamento de Doca Street resultou em sua condenação a 15 anos de reclusão pelo homicídio duplamente qualificado de Angela Diniz, e esse resultado foi considerado uma vitória para o movimento feminista brasileiro. Através da análise do contexto histórico e social apresentado no podcast, é possível compreender os valores subjacentes ao argumento da "Legítima Defesa da Honra" e a luta das mulheres por seus direitos, combatendo a violência doméstica e buscando uma sociedade mais igualitária. Por meio de ações coletivas e mobilizações, o slogan "Quem ama não mata" tornou-se uma expressão poderosa na busca por mudanças na cultura patriarcal e na promoção da igualdade de gênero.

Os enunciados revelam a existência de uma formação discursiva que influencia a compreensão e o enfrentamento da violência doméstica e do feminicídio. Além da formação discursiva, Foucault (2004) o conceito de "arquivo" vai além do sentido tradicionalmente conhecido de um lugar físico onde os documentos são guardados. Em seus trabalhos, Foucault aborda o arquivo como um conceito de poder que está relacionado à organização, classificação e controle do conhecimento e da informação em uma sociedade. O conceito de arquivo não é apenas um depósito passivo de informações, mas sim um sistema de práticas e instituições que determinam o que é considerado como conhecimento legítimo e autorizado dentro de um determinado momento e contexto social. Ele desempenha um papel fundamental na produção, disseminação e controle dos discursos e saberes. O arquivo não é neutro, ele reflete e perpetua as relações de poder presentes na sociedade. É esse conceito que estabelece quais informações são consideradas importantes e dignas de serem preservadas, enquanto outras são excluídas ou marginalizadas. Além disso, o arquivo influencia na forma como o passado é interpretado e molda a maneira de pensar sobre o presente. A análise arqueológica proposta por Foucault busca compreender como o arquivo funciona como um sistema de poder, controlando e limitando o que é dito e considerado relevante em uma sociedade. Através dessa análise, é possível compreender as condições históricas que tornam possível a produção de conhecimento em determinada época, revelando as relações de poder e conhecimento que estão presentes em uma sociedade em dado período histórico.

No podcast Praia dos Ossos, o arquivo executa um papel fundamental na produção e no controle dos discursos relacionados ao caso de Ângela Diniz. Ele influencia a seleção das informações simplificadas, a interpretação do passado e a compreensão do presente. A análise arqueológica proposta por Foucault permite compreender como o arquivo funciona como um sistema de poder, controlando e limitando o que é dito e considerado relevante na sociedade.

O conceito de arquivo é fundamental para compreender a relação entre os acontecimentos sociais, suas repercussões e a reação da sociedade em diferentes momentos do tempo. O arquivo, para Foucault (2004), é uma construção discursiva que registra, classifica e conserva informações sobre o passado, influenciando a forma como percebemos e interpretamos os eventos históricos. Assim, no contexto do primeiro julgamento de Doca Street, que ocorreu em 1979, o conceito desempenhou um papel significativo na maneira como o caso foi apresentado e compreendido pela sociedade. Na época do primeiro julgamento de Doca Street e o argumento de "Legítima Defesa da Honra" foram eventos registrados no arquivo histórico, que refletiram a atmosfera e as normas sociais da época, revelando a tradição histórica de justificar a violência masculina através da "Legítima Defesa da Honra", enraizada em normas

sociais, leis antigas e práticas discursivas que foram preservadas e perpetuadas ao longo do tempo. No entanto, a reação da sociedade foi relativamente silenciosa, com pouca mobilização em favor da justiça para a vítima Ângela Diniz. A falta de uma reação significativa pode ser compreendida a partir do arquivo existente naquela conjuntura, que refletia valores patriarcais e normas sociais que minimizavam a violência doméstica e protegiam o agressor.

O arquivo molda a compreensão do passado e influencia a forma como esses casos são interpretados e discutidos na sociedade. Além disso, o arquivo também desempenha um papel na formação das posições do sujeito em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos presentes na sociedade. Ele influencia como os sujeitos ocupam lugares institucionais e como suas vozes são autorizadas ou silenciadas em relação ao tema da violência doméstica e das justificativas de "Legítima Defesa da Honra". O arquivo não é neutro, pois reflete e perpetua as relações de poder presentes na sociedade. Ele seleciona e legitima certos discursos em detrimento de outros, o que pode levar a uma construção parcial e invejada da realidade. No caso dos enunciados em questão, o arquivo pode favorecer uma narrativa que sustenta a violência masculina em nome da honra, enquanto silencia vozes e perspectivas que buscam questionar e combater essa forma de violência. Portanto, a análise dos enunciados com base no conceito de arquivo traz a reflexão sobre como o conhecimento é produzido, controlado e influenciado por práticas discursivas e instituições poderosas. Ela destaca a importância de questionar e problematizar as bases dessa formação discursiva, buscando uma compreensão crítica e uma mudança de paradigma em relação à violência doméstica e suas justificativas.

Porém, no contexto do segundo julgamento de Doca Street em 1981, o arquivo histórico já havia sido influenciado por eventos que ocorreram após o primeiro julgamento. Naquele momento, o Brasil estava no início do processo de retorno à democracia, e o julgamento ocorreu em meio a um contexto social e político delicado. A Lei da Anistia, de agosto de 1979, permitiu o retorno de exilados políticos, trazendo à tona novas influências e ideias, especialmente do recém-criado movimento feminista europeu. Em 1980, casos semelhantes de violência doméstica contra mulheres, como os de Eloísa Ballesteros e Maria Regina Santos Souza Rocha, ocorreram em Minas Gerais e provocaram uma reação maior da sociedade. Esses eventos foram considerados o estopim para a mobilização de mulheres e deram início a um movimento em defesa dos direitos das mulheres e contra a violência doméstica. O arquivo, influenciado por esses novos acontecimentos e reações sociais, desempenhou um papel importante no segundo julgamento de Doca Street. A mudança na atmosfera criada em torno do processo judicial pode ser associada às informações registradas e resgatadas do arquivo histórico, que passou a refletir

uma maior conscientização sobre a questão da violência doméstica e o papel das mulheres na sociedade.

A análise dos enunciados "Quem Ama Não Mata" e "Legítima Defesa da Honra" à luz da formação discursiva de Foucault fornece uma compreensão crítica dos discursos dominantes sobre a violência doméstica no podcast *Praia dos Ossos*. Essa análise revela como esses enunciados estão inseridos em uma formação discursiva específica, moldando a compreensão e abordagem desse tema na sociedade. A compreensão das formações discursivas e do arquivo nos permite refletir sobre as relações de poder e conhecimento presentes na sociedade, bem como questionar os discursos dominantes e buscar uma perspectiva crítica em relação à violência doméstica e ao feminicídio.

4. Conclusão

A análise do podcast *Praia dos Ossos*, com base nos conceitos de arquivo e formação discursiva propostos por Michel Foucault (2004), evidencia uma abordagem que transcende a narrativa histórica. Através da reconstituição detalhada da trajetória de Ângela Diniz e da ligação com o contexto histórico e social do período, o podcast confere uma dimensão discursiva à sua produção, revelando a complexidade das relações entre linguagem, poder e memória.

Ao considerar o arquivo como um conjunto de enunciados que se relacionam e se constituem mutuamente, o podcast revela como os enunciados "Legítima Defesa da Honra" e "Quem Ama Não Mata" são moldados por suas conexões com outros discursos e práticas sociais da época. O primeiro julgamento de Doca Street, pautado na defesa da honra masculina, o absolveu, enquanto o segundo julgamento culminou em sua sentença, refletindo a transformação dos discursos e valores ao longo do tempo.

A formação discursiva, por sua vez, emerge como espaços instáveis e heterogêneos, onde o sujeito do discurso encontra ancoragem para suas enunciações. O podcast exemplifica a convergência de diferentes formações discursivas, como o jornalismo literário, permitindo uma abordagem complexa e reflexiva sobre a sociedade da época. Ao relacionar os enunciados analisados, o podcast explicita disputas discursivas da maneira como representações de gênero e valores patriarcais permeiam as narrativas sociais.

Dessa forma, a pesquisa revela que o podcast *Praia dos Ossos* vai além de um simples relato histórico, tornando-se uma forma de produção discursiva que revisita e questiona

aspectos complexos da sociedade brasileira. O uso dos conceitos de arquivo e formação discursiva permite compreender como a construção do conhecimento histórico é permeada por escolhas narrativas, conexões vividas e registradas influenciadas por diferentes discursos e práticas sociais.

Portanto, a análise do podcast demonstra a cultura do jornalismo mais aprofundada como uma forma de revisitar o passado e oferece uma reflexão crítica sobre as representações de gênero e as estruturas patriarcais entranhadas na sociedade. Através da contextualização dos eventos e do diálogo entre discursos diversos, o podcast apresenta uma perspectiva abrangente e multifacetada da história, permitindo uma reflexão mais profunda sobre as relações de poder e as dinâmicas sociais presentes na construção da narrativa coletiva.

REFERÊNCIAS:

ABPOD. PodPesquisa 2019. Disponível em: <<https://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em. 01 de mar. 2023.

ABPOD. PodPesquisa 2018. Disponível em: <<http://www.abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2018.pdf>>. Acesso em. 01 de mar. 2023

ABUD, Marcelo; ISHIKAWA, César Yuji; GONZAGA, Luiz Días. Tendências do podcast no Brasil: formatos e demandas. Núcleo de inovação em mídia digital. São Paulo: FAAP, 2019. 03 de mar. 2023.

BLUBRRY. Soundbite 2019 Disponível em: <<https://blubrry.com/podcast-insider/2019/02/01/podcast-stats-soundbite-brazil-bloom/>>. Acesso em. 31 de mar. 2023.

CASTRO, Gisela G. S. Podcasting e Consumo Cultural. E-Compós. Brasília. 2005. Disponível em: <<https://www.ecompos.org.br/e-compos/article/view/53/53>>. Acesso em: 17 de mar. 2023

COWARD, Rosalind. Speaking Personally: The Rise of Subjective and Confessional Journalism, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, A. C. R. P.. O podcast como gênero jornalístico. Intercom. Belém. 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>>. Acesso em: 24 de mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber/; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

KANTAR IBOPE MEDIA. Inside RAD100 2022. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2022/09/INSIDE-RADIO-2022_K

KISCHINHEVSKY, M. (2007). O rádio sem onda – Convergência digital e novos desafios na radiodifusão. Rio de Janeiro: E-Papers.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura, 4a. edição ampliada. 04. ed. Barueri: Manole, 2009. v. 01. 470p.

LINDGREN, Mia. Personal narrative journalism and podcasting. Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media. v. 14, n. 1, pp. 23-41, 2016. Disponível em <<https://www.ingentaconnect.com/content/intellect/rj/2016/00000014/00000001/art00003>>. Acesso em. 29 de mar. 2023.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. Estudos em Jornalismo e Mídia. v.6, n.1, pp. 71-83, 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/1041>>. Acesso em. 10 de mai. 2023.

MCCRACKEN, Ellen. Introduction: The unending story. In MCCRACKEN, Ellen. The Serial Podcast and storytelling in the digital age. New York: Routledge, 2017. 17 de abr. 2023.

MCHUGH, Siobhán. How podcasting is changing the audio storytelling genre. Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media. v. 14, n.1, pp.65-82, 2016. Disponível em <<https://www.ingentaconnect.com/content/intellect/rj/2016/00000014/00000001/art00005>>. Acesso em. 10 de mai. 2023.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A Informação no Rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. Tratado da argumentação: a Nova Retórica. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes , 2005.

PODCAST. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/podcast>. Acesso em: 12 de mai. 2023.

RÁDIO NOVELO. Praia dos Ossos, 2020. Página Inicial. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/>>. Acesso em. 29 de mar. 2023.

REBOUL, O. Introdução à retórica 2. ed. São Paulo: Martins Fontes , 2004.

Membros da produção: <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>

RIBEIRO, Felipe. Spotify faz ranking dos mais ouvidos do ano e da década; veja lista. Canal Tech, 3/12/2019. Disponível em < <https://canaltech.com.br/apps/spotify-faz-ranking-dos-mais-ouvidos->

do-ano-e-da-decada-veja-lista-156923/>. Acesso em 12 de mai. 2023.

SCHUDSON, Michael. Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SIMS, Normam; **KRAMER**, Mark. Literary Journalism. New York: Ballantine Books, 1995.

SIMS, Norman. True Stories: A Century of Literary Journalism. Evanston: Northwestern University Press, 2007

VARGAS, Matheus Machado. A ESTÉTICA NARRATIVA DO PRAIA DOS OSSOS: uma contribuição para a análise de podcasts. UniRitter, 2022.

VIANNA, Branca. Praia dos Ossos, 2020. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/>>. Acesso em. 29 de mar. 2023.

WOLFE, Tom. Radical chique e o novo jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Lisboa: Presença, 2009.